



## **Avaliação das dimensões ecológica, política e econômica: estudo de caso do lote Terra Agroecológica de Ofensiva Camponesa (TAOCA), Santa Isabel – PA** *Evaluation of ecological, political and economic dimensions: study of TAOCA, Santa Isabel – PA*

COSTA, Diego de Mendonça<sup>1</sup>; ROCHA, André Carlos de Oliveira<sup>2</sup>, OLIVEIRA, Letícia Sales da Costa<sup>3</sup>, BEZERRA, Sueyla Malcher<sup>4</sup>,

<sup>1, 2, 3, 4</sup> Universidade Federal do Pará, diegodemendonca23@gmail.com;

<sup>2</sup>leticia.agronomia@gmail.com; <sup>3</sup>agro.andre@yahoo.com.br; <sup>4</sup> sueylamalcher@gmail.com

### **Eixo Temático: Manejo de Agroecossistemas de Base Ecológica**

**Resumo:** A agroecologia compreende as práticas sustentáveis como meios de contornar a degradação ambiental proveniente de um modelo de produção predatório voltado para atender as necessidades econômicas do mercado. Partindo da urgência atual em explorar tal temática, objetivou-se avaliar de que forma se manifesta a presença de dimensões agroecológicas no lote agrícola intitulado Terra Agroecológica de Ofensiva Camponesa (TAOCA). Para tal, realizou-se entrevista semiestruturada com o camponês responsável pelo local, além de observação simples da área e do auxílio de pesquisa bibliográfica para fundamentação teórica. Os dados encontrados foram analisados a partir do método hermenêutico-dialético. Identificou-se que tais dimensões encontram-se bem estabelecidas através, sobretudo, das práticas sustentáveis desenvolvidas pelo residente em seu lote. Concluiu-se que a relação particular mantida entre o camponês e o meio em que vive atua como garantia para a sua reprodução e fixação na terra.

**Palavras-chave:** Agroecologia; sustentabilidade; camponês.

**Keywords:** Agroecology; sustainability; peasant.

### **Introdução**

O modo de se fazer agricultura assume papel importante devido a atual crise socioambiental que, influenciada por princípios defendidos pela Revolução Verde, com o discurso de aumentar a produção de alimentos e acabar com a fome mundial, ocasionou uma maior desigualdade no campo. Gliessman et al. (2007) defendem que é tempo oportuno para identificar e disseminar experiências com potencial para orientar novos processos de transição e realizar uma revolução conceitual e metodológica baseada nos princípios da agroecologia. No sentido de contornar a crise em questão é que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Pará, ao longo dos anos, vem construindo diversas experiências agroecológicas em seus acampamentos e assentamentos.

Tais experiências, baseadas no equilíbrio entre as dimensões agroecológicas, visam produzir agroecossistemas socioambientalmente produtivos. Estes modelos, ainda que complexos, são fundamentais para propor uma direção de partida para novas experiências baseadas nas realidades locais como estratégias de socialização de conhecimento para novas ações individuais e/ou coletivas de desenvolvimento rural sustentável (CAPORAL; COSTABEBER, 2002). A primeira experiência a surgir no



MST do Pará foi o Lote Agroecológico de Produção Orgânica (LAPO) em 2005 (ROCHA et. al, 2015), tornando-se referência na região pela produção agroecológica (SÁ; SILVA, 2014).

Inspirada nas práticas sustentáveis desta área de transição agroecológica, destacamos uma experiência mais recente, a Terra Agroecológica de Ofensiva Camponesa (TAOCA). Como forma de ampliar e socializar experiências, buscamos compreender os estilos de agricultura que estão sendo desenvolvidos nesta localidade. Para auxiliar na compreensão mais aprofundada de tais experiências, objetiva-se analisar o caso da TAOCA a partir de três dimensões agroecológicas (SEVILLA-GUZMÁN, 2013).

## **Metodologia**

O presente estudo foi realizado na TAOCA, experimento de base agroecológica situado dentro do acampamento Jesus de Nazaré, ligado ao MST. O acampamento compreende 63 famílias e está localizado no município de Santa Isabel do Pará, distante 50 km da capital Belém. Devido ao fato de ser uma área ainda em disputa judicial, ou seja, em meio a conflitos de terra iminentes, optamos por não localizar a área em um mapa.

Para a coleta de dados, realizou-se entrevista semiestruturada com o camponês responsável pela experiência, além de observação simples e pesquisa bibliográfica. Quanto à análise de dados, optamos pelo método hermenêutico-dialético que, conforme o descrito por Minayo (1996,) seria o mais capaz de interpretar a realidade de maneira aproximada, considerando contexto e fala apresentados para entendê-la de forma mais aprofundada, compreendendo-a “como resultado de um processo social (trabalho e dominação) e processo de conhecimento (expresso em linguagem), ambos frutos de múltiplas determinações, mas com significado específico (MINAYO, 2000, p.227).

As dimensões da agroecologia utilizadas para análise do agroecossistema foram: ecológica (técnico-produtiva); política (de transformação socioambiental); e socioeconômica/cultural (desenvolvimento endógeno, local) (SEVILLA-GUZMÁN, 2013).

## **Resultados e Discussão**

A dimensão ecológica compreende a gestão dos recursos naturais, seja através da sua manutenção e/ou da recuperação, com o propósito de alcançar práticas mais sustentáveis do agroecossistema (SEVILLA-GUZMÁN, 2013). Segundo Caporal e Costabeber (2004), a premissa essencial da dimensão ecológica consiste no “cuidar da casa”. Os bens comuns (meio ambiente e seus recursos naturais) devem receber o mesmo zelo oferecido aos bens individuais. É necessário ainda que, dentre as práticas, criem-se estratégias de reutilização da matéria e energia presentes no



próprio sistema, assim como buscar eliminar dependências de insumos externos e prejudiciais ao meio ambiente (CAPORAL; COSTABEBER, 2004). A idealização da TAOCA surgiu a partir das experiências com o LAPO, e a criação iniciou-se pautada em práticas agroecológicas e nos saberes tradicionais. Como sua proposta era resistir ao modelo convencional de agricultura e seguir uma linha agroecológica, alguns princípios foram assumidos e diversas ações foram e vêm sendo desenvolvidas na mesma.

Para o camponês, o tipo de solo não se caracteriza como uma limitação à produção: “não me preocupo com o tipo de solo, na verdade, tem uma parte com muita pedra, lá planto árvores, de madeira ou fruta” (A.C., 38 a., relato oral); contudo observamos que se trata de um fator determinante na organização dos sistemas produtivos. O arranjo espacial também sofre com a influência da formação tradicional do quintal agroflorestral nas proximidades da residência, tendo como principal finalidade a produção voltada ao autoconsumo, com a criação de galinhas, cultivo de plantas frutíferas, medicinais, hortícolas e ornamentais (estas últimas também voltadas para comercialização).

Compondo os manejos empregados pelo camponês estão: combate ao fogo e ao uso de agrotóxicos, plantio diversificado, adubação orgânica, preservação de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC's) e utilização de sementes crioulas. A adubação é realizada por meio do incremento da matéria orgânica oriunda da sobra das culturas, composto orgânico, biofertilizantes e adubação verde com feijão guandu (*Cajanus cajan* (L.) Millsp.). A diversidade produtiva, as sementes crioulas e PANC's promovem a soberania e segurança alimentar: “minha primeira preocupação é com o que eu gosto de comer, chamo isso de soberania alimentar, depois vejo o que consigo de mudas e sementes, ganhando ou trocando, dificilmente compro” (A.C., 38 a., relato oral).

Quando questionado a respeito de suas práticas agroecológicas, o camponês relata que suas ações servem de exemplo aos seus vizinhos à medida que prova ser possível fazer agroecologia sem a dependência de insumos externos. Dentre as práticas mencionadas estão as seguintes: compostagem; sanitário seco; cobertura orgânica; consorciamento de culturas; biofertilizantes; apicultura e avicultura caipira. Para Caporal e Costabeber (2004), essas experiências caracterizam-se como indicadoras da dimensão ecológica do agroecossistema.

Já em relação ao contexto político, faz-se valer que o mesmo encontra-se presente na TAOCA desde a elaboração da sua ideia inicial, ainda em 2008; tomando finalmente corpo em abril de 2017, com a sua fundação. Por se tratar de um lote familiar estabelecido em um acampamento do MST (com a diferença de que, ao contrário de outros acampamentos, a ocupação da área não tenha sido feita desde o início pelo movimento), com seus membros participando ativamente na construção de sua identidade local, torna-se clara a constatação de um forte caráter de militância presente na rotina da família que lá reside.



A incorporação dessa identidade no cotidiano de redes de experiências como essa permite que a agroecologia exerça o seu importante papel como ciência transformadora; encontrando na dimensão política o meio que possibilita o desenvolvimento de tal estratégia (SEVILLA-GUZMÁN, 2013). No caso da TAOCA, o camponês relatou tratar-se de um espaço que demonstra “a possibilidade da agricultura familiar camponesa de se reproduzir e de fazer enfrentamento ao capital na agricultura, de fazer o enfrentamento ao agronegócio” (A.C., 38 a., relato oral).

Sevilla-Guzmán (2013) reconhece a necessidade de procurar meios de resistência locais frente à pressão de processos agrícolas externos, buscando em táticas participativas e endógenas alternativas não apenas para repensar certos estilos de desenvolvimento desastrosos, como também para estabelecer propostas de cunho sustentável em ambientes que se pautam em preceitos da agroecologia. Levando em consideração o lote em questão, tais estratégias são implementadas através de ações coletivas.

O camponês descreve um modelo de organização comunitário envolvendo, além de seu lote, cinco famílias acampadas que trocam auxílio e experiências entre si, seja através da realização de mutirões ou na comercialização dos produtos, que é feita em conjunto. Além disto, práticas como a criação de um banco de sementes no acampamento e a realização de oficinas abertas (com temáticas diversas, como a produção orgânica) para todos os acampados interessados demonstram a capacidade do local de planejar-se de maneira coletiva, construindo, desta forma, uma estrutura própria. Tais oficinas fomentam a socialização de conhecimento bio-cultural, com base na produção sustentável, por boa parte do acampamento; ainda que algumas famílias se mostrem receosas quanto as reais finalidades destas. Woodgate (2015) comenta sobre a importância de tal processo para a valorização das práticas culturais dos agricultores familiares; pontuando, do mesmo modo, a relevância de desenvolver atividades agroecológicas do tipo como alternativas de combate a forma de desenvolvimento agroindustrial.

A TAOCA, dentro das lógicas produtivas agroecológicas, rompe com sistemas agrícolas convencionais que seguem os fundamentos propostos pelas multinacionais, sendo orientada por princípios agroecológicos e possuindo um modelo agrícola que busca respeitar o meio ambiente, promover inclusão social e propor condições econômicas na perspectiva camponesa (SEVILLA-GUZMÁN, 2013; CAPORAL; COSTABEBER, 2002). O camponês responsável pelo desenho dos agroecossistemas da TAOCA, através de sistemas agroalimentares com identidade cultural local (SEVILLA-GUZMÁN, 2013) e utilização de sementes crioulas de diferentes realidades camponesas, ao expor seu interesse em produzir alimentos para a própria satisfação alimentar, conecta as diferentes dimensões agroecológicas e promove a segurança e a soberania alimentar microrregional propondo a democratização do conhecimento ao trocar saberes com diversos camponeses e consumidores (CAPORAL; COSTABEBER, 2002).



As estratégias econômicas da TAOCA se estabelecem fora da lógica capitalista, fugindo de um modelo de produção exploratório e baseando-se no abastecimento de mercadorias através das feiras de produtos orgânicos (realizadas, em sua maioria, na cidade de Belém), visando promover mercados alternativos centrados em processos de circuitos curtos (SEVILLA-GUZMÁN, 2013).

A TAOCA amplia sua rede, dentro do contexto sociocultural e político agroecológico, ao articular a comercialização dos seus produtos com o Grupo de Consumo Agroecológico (GRUCA) que utiliza os chamados paineiros cabanos. Neste, os alimentos são provenientes da agricultura campezina, considerando a identidade cultural alimentar local, a diversidade dos alimentos e o período das safras, estimulando propostas coletivas que transformam as comunidades locais de forma justa e equitativa na distribuição da renda e da baixa exploração do trabalho.

## Conclusões

A identificação de novas experiências que se consolidam dentro dos princípios da agroecologia, agregando ao seu estilo de agricultura o equilíbrio entre as dimensões ecológicas, políticas e socioeconômicas é fundamental para disseminar o conhecimento através de intercâmbio de experiências de forma horizontal que considerem a realidade local e cultural, promovendo o desenvolvimento rural de base sustentável. Considerando a TAOCA, é importante que as formas produtivas, através da construção coletiva do agroecossistema, fixem o camponês na terra, garantam sua autonomia produtiva e de comercialização, valorizem métodos de reutilização de matéria e energia no próprio sistema, reduzam a dependência de insumos externos e rompam com a lógica capitalista de desenvolvimento rural.

## Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGROECOLOGIA. **Estatuto da associação brasileira de agroecologia – aba-agroecologia**. 2015. Disponível em: < [http://aba-agroecologia.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2018/05/Estatuto\\_ABA\\_2015.pdf](http://aba-agroecologia.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2018/05/Estatuto_ABA_2015.pdf)>. Acesso em 23 jun. 2018.

CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J.A. **Agroecologia e extensão rural: contribuição para a promoção do desenvolvimento rural sustentável**. Porto Alegre. 2004, p. 95-120.

CAPORAL, F.R.; COSTABEBER, J.A. Análise multidimensional da sustentabilidade uma proposta metodológica a partir da agroecologia. **Rev. Agroecol. e Desenv. Rur. Sustent.**, Porto Alegre, v.3, n.3, 2002.

GLIESSMAN, S.R. et al. Agroecología: promoviendo una transición hacia la sostenibilidad. **Ecosistemas**, n. 16, v. 1. 2010, p. 13-23.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



WOODGATE, G. **Agroecology as Post Development Discourse and Practice** from: routledge international handbook of sustainable development routledge. 2015, p. 367-378.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 7 ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

ROCHA, A. C. O. et al. Agroecologia na amazônia: uma alternativa para o sistema de “derruba e queima”, estudo de caso do lote agroecológico de produção orgânica (LAPO). **Cad. Agroecol.** v. 10, n. 3, 2015. Disponível em <<http://www.aba-agroecologia.org.br/revistas/index.php/cad/article/view/17379/11340>>. Acesso em: 25 nov. 2016.

SÁ, T.D de A.; SILVA, R. O. **Para além do interdisciplinar: a agroecologia como uma perspectiva transdisciplinar para a agricultura na Amazônia**. In: VIEIRA, I. C. G.; TOLEDO, P. M. de; SANTOS JUNIOR, R. A. O. (Org.). Ambiente e sociedade na Amazônia: uma abordagem interdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond, 2014. p. 379 - 408.

SEVILLA-GUZMÁN, E. El despliegue de la Sociología Agraria hacia la Agroecología. **Cuaderno Interdisciplinar de Desarrollo Sostenible**, Fundacion Cajamar, vol. 10, 2013, p. 85-109.